

A QUINA DE AQUINO

AQUINO'S CORNER

Flávio R. Kothe

Flávio Kothe é mestre (FU-Berlin), doutor (USP) e livre-docente (PUCCAMP) em Teoria Literária e Literatura Comparada. Foi professor convidado nas Universidades de Rostock, UFRGS e no Instituto de Estudos Avançados da USP, sendo atualmente professor titular de Estética na Universidade de Brasília, coordenador do Núcleo de Estética, Hermenêutica e Semiótica na FAU/UnB, presidente da Academia de Letras do Brasil. É autor de mais de 40 livros e 450 publicações como ensaísta, tradutor, ficcionista e poeta.

RESUMO

Tomás de Aquino é tomado aqui como autor estratégico para examinar a concepção escolástica de verdade e de lógica, característica da tradição metafísica. Mostra-se como essa concepção se baseia numa leitura peculiar e problemática de Aristóteles, mas se impõe ao pensamento filosófico moderno, mesmo em autores que não parecem filiados ao catolicismo.

Palavras-chave: Aquino; Aristóteles; Verdade; Correção; Lógica.

ABSTRACT

Thomas of Aquin is considered here a strategical author to examine the scholastic conception of truth and logic, that is characteristic of the metaphysical tradition. It is demonstrated that this conception is based in a very peculiar and problematic reading of Aristoteles, but it is imposed on the modern philosophical thinking, even in authors that do not seem affiliated to Catholicism.

Keywords: Aquin; Aristoteles; Truth; Correction; Logic.

APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

Estamos investigando a lógica do juízo analítico e do sintético, a passagem do predomínio do primeiro para o segundo, para uma nova compreensão da natureza da obra de arte. Embora aqui se discuta a lógica escolástica do conhecimento, o divino não é o objeto principal, pois a crença não se dá por motivos lógicos internos. O que a motiva não é algo que se questione apontando incoerências lógicas. Mesmo que Deus passe de $A = A$ para $A = \text{não } A$, o crente poderia absorver isso como sendo mais um modo de buscar o divino: seria aceitável que deus fosse contradição, assim como para o marxismo a contradição se tornou uma divindade. A teologia surge de uma carência de crença, de uma necessidade lógica de defender a crença, de descobrir caminhos doutos para chegar à salvação.

Nesse procedimento, a Estética surge no século XVIII como uma valorização do corpo, em que ele aparece como fonte de conhecimento, mediante imagens fugidias, sensações e sentimentos. Se na escolástica o conhecimento é considerado puramente espiritual, se Platão já havia cometido o erro de distinguir dois sentidos (visão e audição) como espirituais, o que se passa a ter com a Estética é a desconstrução da tradição metafísica. Baumgarten¹ chega a afirmar, por volta de 1745, que a “alma” (*anima*) é “*motus cerebri*”, mobilidade do cérebro, para afirmar depois que o cérebro fica mimetizando os movimentos da alma. A “mímese” é proposta como fundamento de todo o processo de conhecimento e afeto.

LÓGICA ESCOLÁSTICA

Tomamos aqui Tomás de Aquino não como santo a exigir temor reverencial e se tornar inquestionável: ele é um pensador, e como tal deve ser examinado: com argumentos. Não se desconfia de antemão que ele foi elevado à santidade, como vários outros (Agostinho, Anselmo e assim por diante), por ser problemático o que postulava. Elevados à santidade, são propostos como representantes do divino, como aqueles que tiveram acesso ao que chamavam de Verdade Primeira, crenças básicas católicas. Ele não importa por si: é uma seleção estratégica, sintoma de uma época, de um modo de pensar. Ele expõe a concepção de verdade mais presente na tradição metafísica, algo que não se reduz a afirmar o primado da fé sobre a razão, mas se insere no cerne da lógica analítica formal. Ele

é a esquina em que se dobra o caminho da busca de uma busca da verdade como ela é trilhada pela ciência: à base de hipóteses, experimentações, refutações e novas hipóteses. Ela não confunde verdade com crença.

Aquino foi elevado a santo, como outros, por ser questionável o que propôs. Era um modo de proteger sua argumentação, gerando um tabu, como se através dele tivesse falado o Espírito Santo. Estranho é que a bibliografia corrente de existencialismo e “desconstrutivismo” não enfrente esses escolásticos, em que a concepção de verdade é mais evidente e problemática. É como se Heidegger, Derrida e tantos outros evitassem seguir o caminho já apontado por Nietzsche. Há um tabu religioso.

Embora o problema subjacente pareça ser a crença – a prioridade das “verdades reveladas” em contrapartida à razão crítica –, não se está aqui tocando no santo por causa de sua fé, ele já está morto e a morte foi indiferente às suas crenças, e sim pelo que ele considera ser a noção do verdadeiro. Cita Agostinho e Anselmo, endossa suas teses básicas: ele é, portanto, o expoente de um paradigma, dominante ainda em professores de filosofia e filologia que, no fundo, são católicos ou crentes. Aquino se apropria de Aristóteles e faz dele um monge católico medieval, mas há desvios doutrinários básicos.

Nos primeiros decênios do século XXI, está-se vivendo no ocidente uma guinada para o totalitarismo de direita, que parecia morto com o primado da razão iluminista, da socialdemocracia e as derrotas fascistas na Segunda Guerra. Ele está ancorado no Opus Dei e em movimentos que se dizem evangélicos, assim como o fascismo teve na Itália, Espanha, Portugal, Argentina e Brasil forte respaldo católico. Mesmo sob o papado de Francisco, um liberal progressista, há ainda setores de direita na Igreja Católica, que se manifestam a todo momento. O pensamento totalitário tem fundamento no monoteísmo, pois, ao afirmar que há somente um deus verdadeiro, defendido por quem nele crê e pela Igreja, não pode admitir o caráter temporal e relativo da verdade. Quando essa crença se espalha no povo, gera-se um campo favorável ao populismo de direita. Aqui a questão é, no entanto, filosófica, não política ou religiosa.

Tomás de Aquino, ao perguntar “o que é a verdade?”, primeiro sugere que verdadeiro é aquilo que é, ou seja, parece ser o ente.² Parece que isso corresponderia à concepção aristotélica de que a verdade seria a coisa se mostrando, se descobrindo. Conceito é, aí, o que se diz sobre uma coisa, uma definição, mas não é bem isso que Aquino pensa.

1
BAUMGARTEN, Alexander. *Ästhetik*, Teil 1 und 2, Hamburg, Meiner Verlag, 2007.

2
AQUINO, Santo Tomás. *Seleção de Textos - Questões discutidas sobre a verdade*. (Tradução de Luiz João Baraúna). São Paulo: Coleção Os Pensadores, Editora Nova Cultural, 2004, p. 57.

3
GIOVENARDI, Eugênio,
As pedras do Vaticano.
Porto Alegre: Mais Que
Nada, 2009, p. 231-235.

Para ele, a verdade não pode ser a disposição da coisa. Por que não? Porque esta é cambiante, enquanto a verdade para ele deveria ser eterna, já que repousaria em um mundo de formas eternas criadas por Deus antes mesmo de criar as coisas. As coisas seriam, portanto, mutáveis, mas a verdade não seria. A verdade não pode ser, então, a coisa aparecendo, se mostrando, se desvelando, pois isso muda no tempo. A teologia é o trampolim para dar um salto mortal para o mundo das formas do ser. É um salto que exige a morte, e nunca ninguém voltou para contar como seria esse mundo, embora a iconografia católica o tenha povoado.

4
KOTHE, Flávio R. *Arte comparada*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2016.

Esse pretense acesso ao mundo divino dá poder a quem alega ter esse controle, para negociar prebendas divinas. Os papas fizeram isso em bulas, como Leão X fez, para construir o Vaticano, na *Taxa Camaræ*.³ Assim, por exemplo: “V. Os sacerdotes que quiserem viver em concubinato com suas parentas pagarão 76 libras e 1 soldo; XIV. Pelo assassinato de um irmão, irmã, mãe ou pai, se pagarão 17 libras e 5 soldos.” O rei Henrique VIII da Inglaterra preferiu ficar com os recursos papais. Os príncipes alemães, que não quiseram que esses recursos fossem para Roma, fomentaram a rebelião de Lutero. No século XVII, o jansenismo colocou em dúvida o direito de o papa negociar em nome de Deus, pois sendo este onisciente poderia decidir diferente e, sendo onipotente, poderia impor o que quisesse.

5
AQUINO, *op. cit.*, p. 59.

A verdade foi deslocada, na Idade Média, do descobrimento das coisas para o que se dizia a respeito, especialmente em um texto considerado sagrado (a *Bíblia*, o *Novo Testamento*, o *Alcorão*). Para ela poder ser eterna, precisava repousar, portanto, em algo muito frágil: a palavra. Esta é fortalecida, porém, passando de humana a divina. Há, portanto, um deslocamento da verdade: ela passa da coisa para o que se diz sobre a coisa. Para essa palavra parecer menos frágil, diz-se que ela é divina, uma verdade revelada pelo próprio deus, embora não passe de escrita.

6
PLATÃO. *A República*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, tradução de Maria Helena Pereira, diversas edições.

Os quatro Evangelhos do *Novo Testamento* e vários textos considerados apócrifos são basicamente literatura romana, latina, que não foi nem é ensinada assim. Essa ficção fabulada não é tomada como a literatura que ela é. Ela é uma questão central da Teoria Literária, que não tem, contudo, se voltado para ela.⁴

Para Aquino, “a primeira das coisas criadas é o ser”⁵. Isso pretende ser Platão, mas não é, pois o mundo das ideias é expressamente refutado no final da *República* por Sócrates, que ironicamente havia proposto esse mundo como explicação da identidade das coisas. Embora isso pretenda ser Aristóteles, também não é. Não há um ser antes das coisas. O ser é o ser do ente, não um ser anterior

a todos os entes. Aristóteles afirmou que nenhum ente é o ser. Aquino inverteu isso. Para ele há um ser antes dos entes, que faz com que eles sejam. Isso é idealismo absoluto, não histórico. Não pode haver, portanto, um ser antes dos entes nem entes que não sejam. Eles são o que são porque são, porque estão aí, são decifráveis em sua identidade.

Para o Mestre grego, *theos*, deus, era um nome provisório para o que ficaria além do perceptível, aquilo que estaria além do horizonte do nosso conhecimento, mas não era uma divindade cristã, posta em outro mundo, pois para os gregos os deuses faziam parte da *physis*, do mundo existente. Aristóteles não era cristão. Não pode haver o ser antes do ente, pois o ente é que porta o ser, sendo ao estar aí. Os deuses gregos não estavam num mundo “além”, a ser religado pela religião. Moravam no alto do Parnaso, um morro identificável, visível. De onde a pitonisa fazia suas profecias se podia ver a montanha. A história das religiões pode ser visto como uma história da loucura humana; a teologia, um desvario lógico.

Para a visão cristã, sim, poderia haver um ser anterior a toda a existência, Deus como que geraria o ser de tudo antes de gerar todas as coisas, um mundo das formas: é como se houvesse uma dupla criação, a do ser e depois a dos entes. O *Gênesis* não diz isso. É uma invenção medieval. Por isso, para Aquino, as formas podiam preceder toda a matéria. Elas estariam como que num mundo gerado pela “mente divina”. Esse mundo das formas é uma transposição do “mundo das ideias” proposto por Sócrates como hipótese – depois refutada por ele próprio –, mas com uma diferença: as “ideias” no hipotético mundo socrático das ideias são como que protótipos, imagens, modelos primeiros, corpóreos, a serem vistos por almas em transmigração, não puras formas espirituais.

DOS GREGOS

Sócrates está zombando da ingenuidade de Glauco quando propõe isso e no fim da *República*⁶ rejeita a existência desse mundo. É preciso distinguir o que Sócrates diz e o que ele pensa a respeito, bem como o que Platão pensaria sobre seu personagem e o que nós podemos pensar a respeito. É um sistema de caixilhos, em que a cada caixa se mudam os componentes.

A ironia é um texto duplice: há algo que se manifesta, com um significado determinado, mas que é sabotado por algo mais profundo, que também se manifesta, mas precisa ser decifrado. O segundo sentido é propiciado pelo primeiro. É diferente da paródia, pois nesta aparece a citação

de um texto anterior, mas que é revertido e degradado em seu sentido anterior. Na ironia tem-se a aparência de algo lógico, coerente, mas por baixo há uma sorriso, como se fossem uma cortina, que deixa entrever outro sentido mais profundo, que é o que mais se quer manifestar.

Para Aquino, desse “ser” criado antes das coisas fariam parte todas as formas. A matéria, sendo criada, não poderia, diz ela, ser eterna, pois eterno mesmo só deus; por outro lado, o mundo das formas – embora também criado! – seria eterno por milagre, imutável, o que deveria fazer com que contivesse todas as formas possíveis de todas as coisas. Seriam, no entanto, formas apenas espirituais, o que é um contrassenso, pois toda forma é formato de algo, mesmo que seja de um desenho.

Aristóteles, pelo contrário, se perguntava de que lhe adiantaria ter o desenho de um serrote se ele não tivesse metal para fazer o serrote. Havendo matéria para fazê-lo, seria possível dar-lhe a forma adequada, mas o mero desenho não serraria coisa nenhuma. Aliás, o desenho não é pura forma: ele tem materialidade. Nesse sentido, a matéria deveria ser o que permanece, mudando de formas ao longo de sua existência, e seria mais importante que o formato. A matéria pode mudar de natureza ao longo do tempo.

É uma discussão um tanto absurda, pois toda matéria deve ter alguma forma, nem que seja deformada ou não conforme. Mesmo um amontoado qualquer de material tem um formato. Pouco sentido há em querer falar de uma forma em si, sem a existência de matéria a ser conformada. Forma só tem sentido se houver matéria a ser comparada ou a ser modificada. Puras formas sem matéria são um contrassenso.

Para Aquino, haveria uma Verdade Primeira (ele não explica bem o que entra tudo aí, mas parece que seriam assertivas básicas do catecismo: Deus criou o mundo a partir do nada, o homem é constituído de corpo e alma, Cristo veio ao mundo para nos salvar, há uma vida eterna após a morte, etc.), mas ela não é Verdade nem Primeira, pois é uma concepção oriunda de crenças que a imaginaram. Ela é secundária. Por outro lado, eles só são crenças por causa dela, então eles derivam daquilo que deles deriva. Que eles acreditem, não a torna verdadeira: a única verdade é que acreditam, mas, já por acreditarem, se distanciam da razão. Isso, porém, pouco lhes importa, pois consideram a sua fé superior a qualquer raciocínio. Abdicam da razão.

É um mundo de ficções que o homem se inventa para acabar se tornando seu prisioneiro. Ele não tem mais noção de que teria inventado. Fica num estado de alienação, em que não consegue ver

por que ele se inventou tais ficções, não consegue examinar as necessidades existentes dentro dele para aderir a elas, por mais absurdas e sem comprovação que sejam. Ele não quer examinar, pois são dolorosas fraquezas pessoais que aí se escondem.

O problema religioso é uma questão de crítica literária. A nossa teoria literária não costuma enfrentar o aspecto mais importante da literatura, que é a questão da sacralização de alguns textos. Milhões de pessoas morreram em guerras religiosas: nenhuma tinha razão em suas crenças, mas matava e morria em função delas. É estranho como os filósofos, mesmo desconstrutivistas, evitam aprofundar essa cisma e cismação iluminista, a divergência racional com o primado da crença. Achou-se que o racionalismo não seria mais superado. O século XX foi marcado, no entanto, por regimes totalitários. Não por acaso estamos vivenciando um refluxo autoritário: ele se nutre do medo de questionar o que não se sustenta diante da razão crítica. Ensina-se literatura e filosofia para não tratar do que mais importa.

O fundamento do totalitarismo moderno reside no monoteísmo. Este se apresenta sempre como progresso da abstração sobre o politeísmo. Claro é que este também era um atraso mental, mas, se o crente dito pagão admitia vários deuses, podia admitir também que outros povos pudessem ter outros deuses. Cada um que acreditasse nos deuses que quisesse. Isso não quer dizer que não tenham existido ateísmos politeístas, assim como tiranias autoritárias na antiguidade, mas estas eram diferentes do totalitarismo moderno, que é uma laicização do princípio de que há apenas um único deus verdadeiro e, portanto, quem não o seguir deve cair na perdição eterna.

Sendo duvidoso, o monoteísmo precisa, por conseguinte, ser imposto a todos e até mesmo para salvar a quem seria condenado. Há sempre um valor mais alto em função do qual tudo é feito. Isso permite aos que fazem o serviço sujo de uma ditadura ficarem tranquilos com sua consciência, pois estão agindo em prol de um valor mais elevado: o amor pátrio, a pureza da raça, a crença verdadeira, a salvação eterna etc.

Quem saiu da prisão doutrinária cristã precisa desconfiar dos que são ditos santos: Agostinho, Anselmo, Aquino. Eles não foram tão santos assim, seu pensamento não é sem pecados. Não se costuma desafiá-los. Boa parte dos professores de filosofia no Brasil tinha formação em seminários teológicos católicos, e nunca eles conseguiam se livrar bem dessa marca. Eles aparentam argumentar como filósofos, mas por baixo está o joelho que dobra ao tilintar das campainhas na missa. Não é deles que se pode esperar o questionamento das

7 estruturas profundas da duplicação metafísica do mundo.
Ibidem, p. 59.

Pensadores crentes ou crentes metidos a pensadores terem sido elevados à santidade católica, como que alçados ao plano do divino, tem a pretensão de torná-los inquestionáveis, exatamente por serem problemáticos. Impõe-se um interdito ao pensamento; um temor reverencial, com a ameaça grave de toda a Igreja Católica, não só como instituição de padres e bispos, mas como comunidades em que estão parentes e amigos de quem se meter no vespeiro.

Seguindo Boécio, Aquino afirma que “a primeira das coisas criadas é o ser”⁷, portanto a verdade dos entes precede a sua existência. Deus fabricaria, portanto, a partir do nada, o ser de todas as coisas, das que passam depois a existir e, também, das que poderiam existir e até daquelas que não existirão jamais. Uma trabalhadora imensa, feita de nada, e para nada (a não ser para Deus se exibir em sua glória, ou seja, é um ente vaidoso). Jeová vai dizer que criou todas as coisas para que o homem as desfrute, mas colocou quase todas tão longe que não há jeito de chegar até elas.

A todo momento se lê que Platão era um idealista, enquanto Aristóteles era realista. Continua-se aí a ignorar que Sócrates é irônico, nunca diz o que pensa, brinca com hipóteses. Não se lê Kierkegaard sobre *A ironia constantemente referida a Sócrates*⁸. O mundo das ideias é uma proposta irônica, para achar uma solução fácil, que o próprio Sócrates trata de refutar na parte final da *República*, dizendo que ele não existe, que Glauco pode criar o seu mundo saindo a andar pelo campo com um grande espelho. Agostinho não leu Platão, só leu os platônicos, que ignoraram a parte final dessa obra central. Aquino parece que pouco leu Platão, achava que Aristóteles era o começo e o fim da sabedoria, mas fez dele um católico que ele nunca foi.

VERDADE E CRENÇA

Quando Aquino ousa discordar de Aristóteles, é movido pela crença. O “Mestre” disse que com o desenho de um serrote, mas sem o metal para fazê-lo, nada se poderá serrar com a forma do desenho. Tendo, porém, o material, pode-se lhe dar a forma conveniente ao utensílio. Nesse sentido, para ele a matéria é mais importante que a forma e pode mudar de forma ao longo da existência. Para o escolástico, a forma é “eterna”, enquanto a matéria teria sido criada (só que ele mesmo diz que Deus teria criado um mundo de formas como o ser de coisas ainda inexistentes).

Se para Aquino as formas são eternas, pois seriam feitas por Deus quando este confeccionara “o ser” nas formas de tudo: do que foi, é, será, poderia ter sido, deixa de ser, poderia vir a ser. A essência precederia, assim, a existência. A matéria não seria, porém, eterna, porque teria sido criada por Deus. Eternas seriam, porém, as formas, embora criadas por Deus também. É um paralogismo primário.

Não basta que Deus tenha feito tudo: precisa ainda fazer tudo o que poderia ter sido e vir a ser. Que esse deus tenha feito primeiro O Ser de tudo em um mundo de formas puramente espirituais é uma crença, sem base racional. Nunca ninguém viu isso. Esse ser feito seria feito de formas. Estas poderiam ser eternas, mas não a matéria que elas corporificariam, pois esta teria sido criada. Ora, do mesmo modo as formas também teriam sido criadas: elas também não poderiam ser eternas, pois foram criadas. Aquino é incoerente. O que lhe dá coerência é o desejo de impor como as coisas deveriam ser formatadas. É a vontade de poder.

Estranhamente, esse deus, que parece poder tudo, tem muita coisa que ele não pode. Ele gera um filho, mas não pode fornicar (o termo e o argumento é de Aquino, indica uma visão de sexo como pecado)⁹. A verdade sobre fornicar pode estar na mente divina, mas o ato pecaminoso é do homem. Deus faz um filho sem poder fornicar. Então ele não pode tudo. Aliás, não tendo corpo, não poderia mesmo.

Deus deve ser uno e eterno, mas ele é trino, sendo que o Filho é gerado há dois milênios e pouco, o Espírito Santo gerado a partir dos dois. Algo que é uno não pode ser trino; o que é trino não pode ser uno. Quem gera um filho não é eterno, pois está no tempo pelo simples fato de gerar. Quem cria o universo e o homem não é eterno, pois esses atos envolvem temporalidade.

As características do Deus cristão são contradições internas. O saber se dá como contrapartida à ignorância: quem sabe tudo não sabe o que é não saber, então há algo que ele ignora e não pode ser onisciente. O onipresente se define como presença em todos os lugares ao mesmo tempo. Ora, o estar presente significa estar em algum lugar: quem está em todos os lugares não está em nenhum, ele sequer pode ter noção de presença, pois não consegue saber o que seria estar ausente.

Já por isso ele não pode tudo: ele não pode estar só em algum lugar ou não saber algo. A onisciência também é um conceito autocontraditório: quem sabe algo venceu uma ignorância, quem sabe tudo não pode saber o que é não saber, pois ele não pode ignorar nada. O onipotente não sabe o poder que tem, poder é ser capaz de vencer resistências: se nada pode lhe resistir, pois é mais forte que todos e tudo, ele não sabe o poder que tem, já que

8 KIERKEGAARD, Soren.
O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates, Rio, Editora Vozes, 1991, tradução de Álvaro Vaals.

9 Ibidem, p. 65.

nada pode oferecer qualquer resistência. Também aí ele não é onisciente.

Essas ponderações são sensatas e bastante primárias, mas durante séculos não foram ditas nem sopesadas. Se algo parecido fosse dito, pairava a ameaça de prisão, tortura e morte. Pior ainda, para quem cresse, pesava a excomunhão e a impossibilidade da salvação da alma. Ainda hoje não se tem liberdade suficiente para dizer isso.

Tomás de Aquino quer proteger Deus dos maus pensamentos. Se ele fosse onisciente, deveria saber tudo o que há de ruim, e, sendo ele o único criador, deveria ser responsável também por todos os males que há no mundo. Aquino dá como exemplo “fornicar” (estranho que o monge tenha precisado apelar logo para isso). Esse ato pode estar de acordo com um sujeito, mas o pensamento disso, embora talvez oriundo do saber que há em Deus, não é conforme Deus. Mais um monte de coisas que Deus não pode fazer em sua suposta onipotência: não pode beber, pular, dançar, namorar, fazer sexo. O melhor da vida ele nem aproveita, pois nem vive. Ele é um morto eterno.

Se o ente fosse a verdade – como acreditava em parte Aristóteles – e estando ele fora do intelecto, então “o verdadeiro se encontra fora da inteligência, ou seja, nas próprias coisas.”¹⁰ As coisas não estariam no intelecto por sua essência, mas por uma imagem. Aquino acha aí que “tudo aquilo que está em alguma coisa é posterior à coisa na qual está”. Isso é absurdo. A essência está nas próprias coisas, é aquilo que as fazem ser como são. Ela não pode ser, portanto, nem anterior nem posterior a elas.

Para Aquino, o verdadeiro, o conhecimento que corresponde ao ente, é o ente na predicação, que concorda com a inteligência divina.¹¹ Nessa linha, só pode dizer o que está e o que está errado quem tiver acesso à “Verdade Primeira”, que é a Divina, ou seja, a Igreja, por seu representante na Terra, o papa, que é então considerado infalível. Esse é um estado de alienação: projeta-se uma fantasia no alto céu, e depois já não se sabe mais quantas e quais ficções foram projetadas, pois não são consideradas nem ficções nem projeções. Impõe-se a crença por doutrinação nas escolas e por coação inquisitorial ou social.

No século XIII, Deus foi considerado “Luz” a partir de um erro de tradução da *República* de Platão, apontado por Heidegger. Sócrates diz, no livro VI, que, para haver visão, não basta um olho para ver e uma coisa para ser vista: é preciso haver uma condição possibilitadora, a luz: só que essa condição, *ágathon*, foi traduzida como Sumo Bem, ou seja, Deus seria a condição de todo o conhecimento. A falha começa em Platão, que

poderia ter apontado condições para outros sentidos: ar, água, metal, pedra para a propagação do som; saliva para o gosto; toque para o tato; ar para o olfato. Fizeram a catedral de Chartres com paredes bem altas para colocar vitrais que trouxessem a luz divina para os homens. Platão talvez tenha achado que não precisaria detalhar isso. Claro é que para a visão não basta ter olho, coisa e luz, mas algo translúcido, nervo ótico, neurônios. Disso ele não tinha noção.

Os santos pensadores propugnavam o acesso deles a essa Verdade Primeira, que não passava de uma crença que escondia de si mesma suas razões de ser, crença que era repassada nas escolas de confissão religiosa e nas aulas de catecismo como se fosse verdade absoluta. Eles tinham muito medo de morrer e preferiam apelar para a crença numa eternidade, em que seus preciosos eus fossem preservados. Era um misto de narcisismo com megalomania, que os impedia de pensar. Faziam racionalizações, não raciocínios.

Eles se achavam tão preciosos que deveriam ser conservados para sempre num formol etéreo. Como uns repetiam para os outros o mesmo, todos acabavam acreditando, no que era uma alucinação coletiva. Eles projetavam um deus onisciente no céu e se viam como seu representante na terra. Como era uma crença muito frágil, sem prova alguma, faziam da falta de prova a maior prova, algo puramente espiritual, que era imposto à força em quem divergisse. Aquino cita Agostinho e diz:

A inteligência não julga *sobre* a verdade, mas *segundo* a verdade, da mesma forma que ao juiz não compete julgar sobre a lei, mas segundo a lei. [...] Logo, a verdade só pode ser o próprio Deus. Por conseguinte, só existe uma verdade, à luz da qual todas as coisas são verdadeiras. [...] A verdade não é percebida pelos sentidos corporais: pelos sentidos corporais só se percebe o que é mutável. Ora, a verdade é imutável, portanto, não pode ser apreendida pelos sentidos.¹²

Esse somatório de paralogismos e insensatezes tem sido imposto de modo dogmático. Aquino diz que a inteligência julga sobre a verdade, assim como as leis são formuladas por homens com poder para tanto. Querer que só se julgue segundo alguns acharem que seria verdadeiro é como o sistema judiciário que obedece às determinações de quem legisla. Ora, o próprio poder de ditar leis deve ser posto em questão. Se não for a inteligência humana a julgar sobre a verdade, quem haveria? Anjos, emissários de deus?

Agostinho e Aquino ficam ditando o que parecia ser verdade para eles, como se tivessem tido acesso ao mundo das formas, não é assim para a maioria das pessoas não católicas. As leis mudam, mudam os

10
Ibidem, p. 66.

11
Ibidem, p. 69.

12
Ibidem, p. 75.

13

SÓFOCLES. *A trilogia tebana*, Rio, Jorge Zahar Editor, 1981, 11ª edição, tradução de Mário da Gama Kury.

modos de julgá-las. São fatos históricos, mutáveis. Supor que a verdade só pode ser o próprio Deus pressupõe que se saiba o que Deus seja e quais seriam suas verdades. Para isso é preciso promover certos textos a obras sagradas, em vez de serem vistos como a ficção que eles são.

Esses pensadores católicos inventam, mas falam como se fossem donos da verdade. Dizem que a verdade é imutável, mas os costumes da própria Igreja mudaram: nos primeiros séculos os padres podiam constituir família, depois do *Concílio de Elvira* (século IV) decidiram impor o celibato para que as heranças dos religiosos viessem para a Igreja; por volta de 1500 os bispos e cardeais costumavam ter companheiras e amantes; hoje o papa Francisco quer acabar com a pedofilia que, durante séculos, foi tolerada nas hostes eclesiais. Aquino usa o termo “fornicar”, para denunciar o sexo como pecado, mas ele pode ser visto também como prazeroso, necessário à existência.

Se só existe uma verdade, que é para ser eterna e imutável, como poderia haver a tolerância com múltiplas interpretações? Não haveria. Enquanto a Igreja teve poder, ela impôs à força a sua versão. A Inquisição é uma consequência necessária e lógica desse pressuposto, que busca eliminar tempo e espaço na concepção da verdade.

Essa dupla concepção da verdade – divina e humana – é anterior ao cristianismo. Édipo¹³ nasce com a profecia de que o filho do rei estaria predestinado a matar o pai e acasalar com a mãe. Como Eurípidés mostrou em *As fenícias*¹⁴, a casta sacerdotal, especialmente a de Apolo, inventava profecias para diminuir o poder civil e militar da família real, para que a casta tivesse mais poder. Nada mais adequado do que inventar que o príncipe herdeiro mataria o pai ou que um irmão mataria o outro. Isso rompia a sucessão pelo sangue.

Por outro lado, quando no poder, Édipo passa a investigar as circunstâncias de sua infância e assim fica descobrindo aos poucos quem ele era e o que havia acontecido. Sófocles, que era um rico sacerdote de Apolo, queria fazer com que todos acreditassem que os deuses sabem mais, são proféticos, mas sua trilogia tebana é uma falácia, um paralogismo. Quer-se que se acredite no que os deuses dizem e, portanto, que se acredite nos próprios deuses, pois a trilogia “demonstra” que tudo ocorre como predito pelos deuses. Trata-se de um círculo vicioso, pois tudo só acontece porque Laio e Édipo acreditam nos deuses e nas profecias da pitonisa. Se não acreditassem, Laio não abandonaria seus filhos às feras, nem Édipo iria sair de um reino em que era príncipe herdeiro. Quer-se que se acredite porque se acredita. É uma falácia lógica. Sófocles era um sacerdote; Eurípidés, não.

Não há um saber maior, divino. Em torno da pitonisa havia um grupo de cerca de 80 especialistas, que aconselhavam o que se deveria dizer que ela estava dizendo, pois o que ela, drogada, palavra era bastante confuso e precisava ser “explicado” por sacerdotes que a seguravam e apoiavam. Na umbanda tem-se algo semelhante. O equivalente seria o saber da metrópole sobre as províncias, a arrogância do eurocentrismo, que acha que nada têm a aprender dos “subdesenvolvidos”, mas que estes devem prestar homenagens aos pensadores europeus. É um processo lento e custoso sedimentar de tal modo a pesquisa e a reflexão teórica num país não desenvolvido a ponto de nele se conquistar autonomia de pensamento. Uma religião passar a ter sede no país não muda muito a dependência ao pensamento externo.

Agostinho e Aquino pregavam uma separação total entre corpo e espírito, rebaixando o primeiro e elevando o segundo. Não lhes acode que o espírito possa ser o cérebro em funcionamento. Ignoravam a neurologia. Fosse por eles, ela nunca existiria.

Se a verdade não for percebida pelos sentidos, como o homem chegaria a ela? Pela “verdade revelada da Bíblia”? De antemão teria de se rejeitar que ela pudesse ter sido escrita por homens, de acordo com as características de sua época e do poder instituído. Aquilo que se considera verdadeiro tem mudado com o tempo e os lugares. Se as coisas são mutantes, o que se diz sobre elas precisa mudar também. Se Deus fez as coisas, mas elas mudam, há uma armadilha ao se sugerir que não há tempo no ser.

Para Deus e sua verdade serem eternos, é preciso que A seja = A. Esse era o princípio da verdade, do juízo analítico. Deus é, porém, contraditório. Em cada um dos seus atributos há contradição: na onisciência, na onipotência, na onipresença e na eternidade. Ele tem dinâmica dentro de si. Ele muda historicamente, mas muda também dentro dele, já que é feito de contradições. No *Antigo Testamento* prepondera o Pai, que não era pai ainda, e, no *Novo*, o Filho. Ele não é A = A. O fundamento de todo conhecimento assim visto não é autoidêntico nem eterno. Tudo o que tem contradição dentro de si se altera e se movimenta. Deus muda. Aquino quer calar isso.

Nietzsche inverteu essa desvalorização do corpo e o consagrou como sendo aquilo que nós temos de nós, do qual depende o que se tem chamado de anímico. As pessoas em geral não se conformam com isso. A valorização do corpo continua como tal presa à estrutura da duplicação metafísica em corpo e alma, matéria e espírito. Isso não é o mesmo que admitir a existência de energias no cosmos em formas não materiais. Também não

é querer reduzir a mente a equações químicas e elétricas.

Sendo verdade a “conformidade”, coincidência entre coisa e intelecto, ela não poderia ser uma só, mas para Aquino a verdade reside na inteligência de Deus, sendo uma só em sentido próprio, enquanto a do homem seria em sentido impróprio e secundário.¹⁵ Assim ele dá um fundamento ao pensamento totalitário, que não vê sua parcialidade e acha que sabe o absoluto. O que ele não consegue perceber é que ao homem só resta a sua própria luz, aquilo que ele consegue descobrir por si, sendo a verdade que ele atribui a Deus uma dupla fantasia: o próprio Deus e o que é atribuído como Verdade Primeira. Ele está duplamente alienado e não consegue mais recobrar para si aquilo que foi projetado inconscientemente num mundo além. Usar paramentos não altera o fato.

Costuma-se supor que a imaginação é uma libertação do homem em circunstâncias opressivas. É o que Schiller consagrou na expressão *die Gedanken sind frei*, os pensamentos são livres: as circunstâncias externas podem ser opressivas, mas sempre se pode pensar diferente. Eles em geral não são bem livres, reproduzem em si a repressão de que surgiram. Quando se tornam projeções que não recobram mais a consciência de serem projeções, eles se tornam prisões espirituais. Se pensarmos que as religiões são produtos da imaginação alienada, incapaz de recobrar no seu âmbito a consciência do reprimido, temos de nos tornar mais cautelosos sobre a função supostamente libertadora da imaginação.

Ela é um modo de se ir além das circunstâncias limitadoras do espaço e do tempo. Na primeira edição da *Crítica da razão pura*¹⁶, Kant havia reconhecido que a imaginação é o fundamento de todo o pensamento, e não apenas da arte. Ela carrega as percepções sensoriais para dentro do entendimento, apresenta umas imagens às outras, estabelece comparações, vê semelhanças e diferenças, diferenças nas semelhanças e identidades nas diferenças, depois remete esses dados ao tribunal da razão que os devolve como juízos em que o geral e o singular se conjugam.

A imaginação funciona nesse aparelho da mente como um sistema de roldanas que transmite os dados de um canto a outro, um sistema sanguíneo que sustenta a vitalidade. Ela permite, mais ainda, que o eu se identifique como eu, apesar de mudanças sofridas no tempo e nos lugares. Todo conhecimento depende da imaginação: tanto a ciência quanto a arte e a filosofia.

Pressionado por luteranos fundamentalistas, os pietistas, pela ambição de se tornar reitor e pela morte de seu protetor Frederico, dito Grande, pela

idade, por ameaças que levaram a lhe ser proibido, pelo imperador seguinte, a publicar qualquer coisa sobre religião, mas talvez também por um desejo de montar uma proposta para a maquinaria da mente e do Estado, Kant retirou quase tudo isso na segunda edição de sua obra, sendo esta repetida até hoje, perdendo o melhor que havia na primeira. A mente humana foi reduzida a engrenagens, que serviram de modelo para montar o Estado de Direito. Ela perdeu a vitalidade, a força da imaginação, que Kant chamava de *Einbildungskraft*, a *vis imaginativa*, uma energia capaz de imaginar coisas, o que se perde quando se fala em “faculdade”, que é uma repartição burocrática, algo que se usa ou não.

A primeira edição foi, porém, lida por vários intelectuais jovens, que resolveram dar espaço à imaginação em seu pensamento e em sua produção. Surgiu assim o movimento romântico, na universidade de Jena. Até hoje não se tem uma tradução da primeira edição dessa obra, que tem mais de cem páginas diferentes da segunda e terceira edição. A edição usual é difícil porque faltam partes fundamentais para entendê-la. A repressão continua, a ponto de não se ter recuperado a primeira edição.

Na segunda edição, Kant montou o esquema mental do que foi transposto para a maquinaria do Estado de Direito. Como se trata antes de máquina que de ser vivo, a imaginação perdeu grandemente o lugar, embora continuasse presente para reevocar imagens pretéritas e de coisas ausentes. O que faria, porém, a imaginação que associa de modo novo e criativo o que antes não se percebia assim? A força da imaginação opera basicamente de modo inconsciente, ela é que forma os juízos sintéticos, que permitem avançar o pensamento.

Assim como Kant não conceitua bem o que seja “razão” em sua obra sobre a razão, fica um tanto carente conectar a imaginação com a conceituação. Na *Crítica do juízo*¹⁷ (*Crítica da força judicativa*), sai pela tangente ao propor que o belo agrada sem conceito. Ele estava mostrando como o entendimento conceitual é limitado, não esgota todas as possibilidades do conhecimento, assim como a razão que não for crítica acaba não tendo razão.

O que faz o pensamento funcionar é a imaginação, que traz as imagens de umas coisas e as imagens de outras, aproximando-as por semelhança e afastando-as por contraste. Nesse procedimento, não há apenas a explicitação do contido num sujeito pela predicação, mas há aproximação e distinção de elementos pertencentes a sujeitos diversos, ou seja, desenvolve-se o juízo sintético. Este, em vez de ser deixado de lado como foi pela escolástica, não fica apenas equiparado ao juízo

15
AQUINO, *ibidem*, p. 75.

16
KANT, Immanuel. *Kritik der reinen Vernunft*, Leipzig, Reclam Verlag, no centenário da primeira edição, s.d.

17
KANT, Immanuel. *Kritik der Urteilskraft*, Frankfurt a.M., Suhrkamp, 3ª edição, 1978. *Crítica da Faculdade de Julgar*, São Paulo, Ícone Editora, 2009.

18 analítico, conforme se lê na versão corrente da *Crítica da razão pura*, mas ele é mais importante que o analítico, como é dito claramente na primeira edição: o juízo analítico é um juízo derivado do sintético. Assim, finalmente se inverteu a escolástica, mas logo se tratou de apagar isso, com ameaças e repressões ao autor.

19 Kant insiste na noção de que essas associações e disjunções na mente ocorrem conforme regras. À célebre pergunta – como são possíveis os juízos sintéticos – ele havia sugerido uma primeira resposta: pela imaginação. Faltou-lhe expressar o segundo passo: grandemente por processos inconscientes. Ele estava à beira da descoberta do inconsciente, algo que foi feito por seguidores como Fichte e August Schlegel. Esse inconsciente já agia na mente de Agostinho e Aquino, sem que eles percebessem que sua ânsia de Deus e eternidade tinha motivações que eles ignoravam. Mesmo hoje, a maior parte das pessoas prefere continuar na ignorância.

Aquino assevera com Anselmo que “todas as coisas que são verdadeiras são-no em virtude de uma única verdade, que é a da inteligência de Deus.”¹⁸ Perde-se assim a noção de que a verdade seria a própria coisa aparecendo. Se há uma única verdade, nada divergente deve ser tolerado: deve ser combatido em nome da própria sacralidade do divino. Essa “inteligência de Deus” aparece, para o crente, manifestada na *Bíblia* e nas exegeses da Igreja a que ele pertence. A Igreja se considera no direito de dizer o que Deus teria pensado. Daí não se pensa mais, apenas se racionaliza a crença.

Subjacente à divisão entre Deus e cosmos, espírito e matéria, alma e corpo, está a divisão entre Igreja e Estado, em que ela se via como o espírito que deveria mover o corpo da administração pública e do povo, ou seja, ela se via como espírito destinado a governar. Isso se contrapõe à democracia, em que o corpo da sociedade assume o Estado como extensão de sua vontade majoritária. Kant argumentava que a democracia era a tirania de uma parte da sociedade sobre todo o resto, podendo não ser a melhor parte. Isso significa que o corpo social tem de ser preparado pelo sistema educacional para exercer melhor a sua cidadania.

Para Aquino: “A verdade que permanece ao perecerem as coisas é a verdade que existe na inteligência divina. Esta verdade é numericamente uma só. Ao contrário, a verdade que reside nas coisas ou na inteligência humana varia conforme variam as coisas. [...] A verdade imutável de que fala Agostinho é a Verdade Primeira.”¹⁹ Não se trata nem de verdade nem de primeira, mas de uma fantasia derivada da crença. Que ela seja imutável é apenas o desejo, a vontade de poder daquele que supõe que a conhece e pode falar em nome dela. É uma ideologia.

Supor que essa verdade divina seja uma só em termos numéricos é atribuir-lhe a qualidade de absoluta. Isso é a absoluta intolerância, a incapacidade de admitir que outros possam chegar a outras conclusões ou que as demais religiões possam ter por si alguma verdade. Quando isso é pregado durante séculos às crianças, criam-se gerações dogmáticas. Elas temem duvidar, porque duvidar é pecado e pode levar à condenação eterna. Essa imaginação coletiva é uma imensa prisão, em que as pessoas pensam que são livres, sem ser. Não lhes importa muito serem livres: o que elas querem mais é salvar a alma que acreditam ter.

Elas supõem que suas crenças sejam verdades eternas. Cai muito mal duvidar disso em tal meio. É encarado como um querer arrastar os outros para o inferno. A Igreja reforça a crença no seu suposto contato com o mundo divino falando de “milagres”, em casos de curas que a medicina atual não consegue explicar direito, ou seja, a intervenção de uma entidade do mundo transcendental no âmbito terrestre. Daí proclama santos e se considera o abrigo de santidades. Isso poderia ser lido também como um misto de ignorância e vigarice. Não é algo racional, mas manipula o imaginário. Este não é, portanto, apenas espaço da liberdade, mas também da coerção e da manipulação, da prisão mental e da tortura.

Parece confortável ter uma instância supostamente superior para apelar, pedindo para resolver questões que estão acima das forças da pessoa. Quanto mais fraca, mais forte se sente. Isso não passa de ilusão: projetam-se esperanças num mundo além, gerando passividade e conformismo no mundo aquém. Se algo positivo ocorre, crê-se que tenha havido uma intervenção divina; se negativo, poupa-se o Todo Poderoso da responsabilidade. A esperança alimentada junto à divindade é transposta junto ao príncipe do momento. Assim como Deus tudo pode, o “príncipe” também deve poder, ele tem de ser um salvador, um messias, e não um mero governante.

Se o cristianismo for visto em seu lado de malefícios que causou e continua causando, supõe-se que Platão e Aristóteles carregam uma dose de culpa, por não terem tomado os devidos cuidados ao redigirem seus textos. Nietzsche xingava Sócrates, até confessar que o fazia por ser muito parecido. Examinemos dois aspectos. Platão, na *República*, faz Sócrates dissertar longamente sobre o mundo das ideias, como um modo de explicar a invenção das coisas e o entendimento delas, para depois dizer rapidamente que esse mundo não existe, que a mente é como um espelho que reflete as coisas reais, sendo estas anteriores às ideias. Quanto mais se alonga a conversa sobre o mundo das ideias, mais ele se diverte com a ingenuidade do

ouvinte/leitor. Alcebiades, no final do *Simpósio*²⁰, diz que Sócrates é irônico, nunca diz o que pensa, que ele diz em geral o contrário do que pensa. Os platônicos não perceberam a ironia, dispensaram o último livro da *República*.

Diz-se que Agostinho não leu Platão, e sim apenas os platônicos, que deixaram de lado a parte final da *República* e a correção que Sócrates faz ao que dissera antes. Será que Platão pode ser culpado pelo platonismo feito em nome dele? Não se pode provar que Sócrates personagem de Platão tenha sido muito diferente da pessoa que foi condenada à morte por indagar demais, fato que obrigou o jovem Platão, que era seu discípulo, a fugir para a Sicília. Quando Platão reinventa Sócrates como protagonista, ele aparenta fazer dele um alter ego de si mesmo. Como vingança do autor, tende a ser uma figura idealizada, provavelmente melhor do que a pessoa real: mais esperto, mais gentil, mais irônico.

Ele facilitou, contudo, que não fosse lido como irônico. Chama-se ainda hoje de “amor platônico” o que aparece na fala de Sócrates no *Simpósio*, mas como citação de uma Diotima que nunca ninguém viu. Ela propõe via Sócrates que em vez de se amar a pessoa real, achando que é bonita, se deveria amar o princípio geral e abstrato da beleza. Ora, a contradição aí é que o amor é um relacionamento entre pessoas, não um esvaziamento tal da pessoa que dela só restaria um fantasma sem nada, todo abstrato.

Na Igreja Católica, esse amor de Diotima virou culto mariano, praticado por ordens como os irmãos maristas, que supunham amar uma virgem pura como mãe, no lugar da mãe real deles, que havia ido para a cama com um ou mais homens, inclusive o pai do religioso. Platão poderia ter explicitado que o amor envolve pessoas e que ele, ao fazer abstração delas, se torna algo infundado, no qual se projetam, no entanto, dimensões reprimidas. Ele não tinha boa noção do inconsciente. Preferiu sugerir que a melhor forma do amor seria a amizade, em que a pessoa é capaz de arriscar a própria vida pela outra. O amor é substituído pela camaradagem nas armas, o amor se torna sacrifício, dispor-se a morrer pelos outros, como consagrado em Cristo.

Platão deveria ter contado mais com a limitação do ser humano, quando ficou falando em mundo das ideias durante dezenas de páginas para no fim, rapidamente, dizer que ele não existe. Deveria também ter examinado o *ágathon* como condição de possibilidade para os diversos sentidos, em vez de reduzi-lo à visão. O próprio Platão estava, porém, enganado, pois, como se mostra no *Hípias Maior*²¹, ele achava que os sentidos se dividiam em corporais e espirituais, sendo estes apenas a visão e a audição: achava que não tinham materialidade.

Gerou um erro que persiste até hoje. Os institutos de artes só se voltam para artes da visão e da audição. Arquitetura não é apenas maquete ou planta: envolve todos os sentidos. Condição de possibilidade de ver não é apenas, porém, que haja luz para um olho ver a coisa, mas que haja ar ou algo transparente em que a luz possa passar, que haja um nervo ótico, neurônios da visão e assim por diante.

Aristóteles também cometeu uma imprecisão que teve sequelas. Quando ele fala daquilo que podemos perceber dentro dos limites de nossas possibilidades, ele decidiu, com pressa demais, chamar de *theos* o que ficaria além desses limites. Foi um erro. Para ele, era antes um nome provisório ao que ele poderia ter chamado de além do nosso horizonte de percepção, o supra perceptível ou algo assim. Isso enuncia um ponto fraco da crença grega, que supunha haver deuses por todo canto, fazendo parte da *physis*, mas que não estavam além dela, fora dela, em outro mundo.

Os gregos achavam que poderiam ser surpreendidos por ninfas e faunos a qualquer momento. Acreditam tanto nisso que até deviam ter contado entre si que tinham tido avistamentos. Quem dissesse que tinha tido merecia respeito, pois era alguém a quem os deuses haviam se revelado. Não era considerado um mentiroso, um fazedor de ondas, um contador de lorotas. O cristianismo levou isso aos paroxismos da irracionalidade, com a contemplação mística de Deus. Com isso não se quer desconsiderar a possibilidade de haver telepatia, imposição das mãos, transferências de energias e outros fenômenos ainda mal explicados.

Os helenistas não costumam criticar os gregos antigos por suas crenças mais ou menos absurdas nos deuses. Que Apolo fique carregando o Sol em torno da Terra, é ilógico em vários sentidos, mas base para se acreditar também na Pitonisa como seu porta-voz. Esse temor reverencial por Apolo aparece já em Homero: não se deve escravizar a filha de um sacerdote. Ele depois é repassado à figura do Cristo ressurreto, como adaptação de Apolo, para simbolizar o poderio da Igreja Católica no renascimento.

Para Aquino, todas as verdades são eternas. Elas estariam no mundo ideal das formas criado por Deus, sendo o ser de todos os entes. Como se viu, ele diverge de Aristóteles, pois para este, na *Física*²², a matéria seria mais importante que a forma: ora, isso é problemático, pois toda matéria alguma tem forma. Se o mundo das formas tivesse sido gerado por Deus, ele também não seria eterno. Aristóteles se pergunta, na *Física*, sobre o que seria mais importante, a forma ou a matéria? Como se viu, ele diz que não basta ter o desenho de um serrote, sem ter o metal com o qual fazê-lo. Com o desenho não

20
PLATÃO, *Banquete*, Porto Alegre, Globo, tradução de Jorge Paleikat, diversas edições.

21
PLATÃO. *Hípias Maior*, Lisboa, Edições 70, tradução de Maria Teresa de Azevedo, diversas tiragens.

22
ARISTÓTELES. *Philosophische Schriften*, Hamburg, Meiner Verlag, 1995, Band 6.

23 se serra nada. Nesse sentido, a matéria seria mais importante do que a forma, pois tendo matéria é possível dar-lhe diversas formas, enquanto com a mera forma, sem nenhuma matéria, não seria possível fazer nada. Ela é, porém, antropocêntrica, como se tudo existisse em função da utilidade. O cristão quer exorcizar a matéria, rebaixá-la. Ela é o corpo, o pecado.

24
Ibidem, p. 87. Areflexão de Aristóteles é, nesse sentido, pertinente, embora não estivesse voltada primacialmente para a eventual eternidade da forma ou da matéria. A matéria passa por transformações e, nesse sentido, as formas seriam mais transitórias do que a matéria. Esta não é, porém, sempre a mesma. Quando se queima um pau, ele desaparece transformado em energia calórica e cinzas. Pode-se acrescentar que toda matéria já teria algum tipo de formato e que, portanto, querer separar um vetor de outro não faz muito sentido. Mais sentido seria perguntar se, podendo-se converter matéria em energia, seria possível converter energia em matéria. Quando os santos pensadores imaginam Deus, eles não o estão pensando como uma fonte energética inicial, e sim como puro espírito, sem dinâmica e sem temporalidade.

25
Ibidem, p. 95. Para entender o espaço, Aristóteles dá o exemplo de colocar líquido em uma ânfora. Ele insiste que o líquido não vai para o vazio, mas ocupa o espaço em que havia ar. Supõe então que todo corpo é envolvido por outro corpo, o que gera o problema é que o último corpo precisaria de um penúltimo que o tornasse último. Isso afetaria, porém, o último, que ficaria pedindo para ser penúltimo. A falácia talvez esteja no ponto de partida, pois projeta o utensílio humano como modelo para a construção de todo o cosmos, não o vê como exceção. Deus se torna esse artesão, mas ele faz tudo a partir do nada, e não da matéria.

Para Aquino como já para Agostinho, verdades eternas são a ideia de círculo ou que $2 + 3 = 5$. Ainda para Descartes, Deus é a garantia de que, mesmo que se esteja dormindo, isso continua sendo verdadeiro. É possível, porém, que um deus gozador quisesse nos enganar. Quando o *Gênesis* diz que o homem foi feito à imagem e semelhança de Deus, Descartes observa que as nossas características são o avesso das divinas. Se Ele quisesse, poderia ter nos dado um corpo de diamante, que duraria milhares de homens. De qualquer modo, continua-se a pensar que $X = Y$, como já estava na *República*, quando se propõe que ou o real é cópia do mundo das ideias ou vice-versa. Aí não se discerne que se trata de convenções humanas, portanto históricas, formadas e reformatáveis. Um triângulo pode ter 4 ângulos, mas também 4, 5 ou 6 se somarmos os externos; um quadrado ter quatro lados, mas também 2, 4, 5, 6, 7 ou 8 conforme se veja o lado de dentro e/ou o de fora. Aí não se têm noção da

finitude e historicidade do homem, da evolução das espécies. Quanto mais problemático o que dizem, mais autoritários se tornam. Que Descartes tenha substituído o círculo pelo triângulo não altera a lógica do argumento.

Aquino afirma: “Além disso, foi verdadeiro desde toda a eternidade que o Pai gerou o Filho e que o Espírito Santo procedeu de ambos.”²³ Ora, gerar é agir, criar o mundo é agir. Está-se, portanto, dentro do tempo, não na eternidade nem desde toda a eternidade. Mais ainda se há uma segunda procriação, no incesto do pai com o filho, para gerar um espírito que ainda se chama de santo. Embora o filho faça o pai ser pai, há uma precedência na existência daquele que vai se tornar pai: ele teria de ser, portanto, mais eterno que o filho, e ambos mais que o espírito por eles supostamente gerado. Por não ser verdadeiro desde toda a eternidade essa procriação, da qual não se fala na *Bíblia* judaica, ele afirma que é. Ainda sugere que não se está entendendo direito, dizendo que isso estava previsto desde toda a eternidade, mas talvez não tivesse ocorrido nela.

Aquino nos assegura: “Nenhuma coisa criada é eterna. Ora, todas as verdades, exceto a Primeira, são criadas. Logo, só a Verdade Primeira é eterna.”²⁴ Aí ele já entra em contradição consigo mesmo, pois antes afirmara que o mundo das formas do ser são eternas e que ele teria sido a primeira criação divina. O que ele não quer perceber é que a Verdade Primeira é coisa criada pelo homem, não é verdadeira, não é primeira, deriva da crença católica e, portanto, é um dado histórico, localizado.

Ele afirma que “paternidade e filiação são uma só essência”.²⁵ Não são. Embora estejam conexas, a perspectiva do pai envolve sentimentos diferentes do filho. Enquanto um deles ama, o outro pode odiar: os planos de ambos podem ser opostos, ainda que sua fonte seja a mesma. Convém ao cristão entender seu deus pai como aquele que sacrificou o que ele tinha de mais precioso, o próprio filho, para salvar a humanidade. Esta tinha sido criação do pai, que deveria, portanto, assumir a responsabilidade de seus atos.

Em *As fenícias*, Laio já havia dado uma resposta a isso quando lhe disseram que precisaria sacrificar o próprio filho para salvar a cidade cercada. Disse que não seria digno do nome de pai se fizesse isso. Se o pai fosse onisciente, deveria ter uma solução melhor para salvar a humanidade do que sacrificando o filho. Ele já devia ter previsto que o homem não daria certo. O que se tem aí é o requeamento do mito grego de *Alceste*²⁶: o noivo Admeto, por não ter feito os sacrifícios esperados pela deusa Ártemis, é condenado por ela à morte, só não morreria se alguém se dispusesse morrer

por ele. Ninguém quer, exceto a jovem Alceste. Esse mito está na base de uma tragédia como *Romeu e Julieta*: a prova maior do amor é dispor-se a morrer pela pessoa amada. Isso pode ser comovente, mas não é lógico, pois com a morte se encerra a relação amorosa. Morrer é fácil; difícil é aguentar uma vida inteira ao lado da pessoa supostamente amada. A morte de Cristo não salvou a humanidade: apenas o promoveu a deus principal.

Na teodiceia grega, cada deus supremo é derrubado do poder pela ação de um filho incentivado pela mãe. Na teodiceia cristã, Jesus, que podia ter fugido, se deixa prender, torturar e matar para assim derrubar o pai do poder supremo e inaugurar o seu reinado como deus principal: a era cristã. Um cristão não pode pensar que aí se repete a estrutura da teodiceia grega. Converte a crueldade de um pai em sacrifício amoroso. Lê pelo avesso. Nenhum fiel pode questionar isso.

Aquino quer dizer que pai e filho são uma só essência para esconder a contradição, a disputa pelo poder. Afirma ser uma relação eterna, o que contradiz a lógica da paternidade e não capta a rivalidade. O nascimento de Cristo se deu há dois mil e poucos anos atrás, pouco tempo para uma eternidade. É impressionante como Aquino acha que pode passar o leitor na conversa, que qualquer coisa que afirme já vale por provir de um doutor da Igreja com a suposta Verdade Primeira. Isso perdura até hoje. Nossa era não é esclarecida.

Se Deus é o criador de tudo, como se explica então a origem do mal, já que ele é para ser infinitamente bom? Mais sensata parece a doutrina de que bem e mal teriam se originado desde sempre, como Ormuz e Arimã, mas o monoteísmo não pode admitir dualidade na origem. Se o satânico se origina de Deus, este deve ter algo de ruim nele para conseguir gerar o espírito do mal. Chega a ser engraçado como Aquino enfrenta esse dilema sem citá-lo.

Se é verdade que determinado homem “comete fornicção” (para retomar a terminologia do santo), isso, diz ele, não procede da Verdade Primeira, não procede de Deus. Deus não é a causa da imoralidade, por não ser a causa da deficiência no livre-arbítrio. Nenhum mal vem de Deus. Toda verdade provém de Deus, de quem derivam as formas das coisas.²⁷

Se Deus cria tudo, ele é autor também dessa deficiência e do pecado original. Há, portanto, muitas coisas que Deus não pode fazer, não pode permitir que se faça, não pode pensar nem sugerir. Ele está, então, proibido pelo padre. Não é nem onipotente nem onisciente. Há lugares em que ele não pode aparecer, como lupanares e bares de encontros amorosos. Ele não pode então ser onipresente. Ele deve ter criado o capeta, mesmo

que se invente a desculpa de que este existe para testar o homem em seu livre-arbítrio para provar que merece a salvação eterna, seguindo as regras ditadas pela Igreja.

Livre-arbítrio não é um arbítrio livre, mas a obrigação de pensar segundo parâmetros pré-fixados. Se o que o homem faz “de mal” está fora do pensamento divino e de seu poder, então a maldade seria a dimensão da liberdade do homem, o que levaria à necessidade de extinguir a liberdade para não haver maldade. Aí está um cerne do pensamento totalitário.

O prelado trata Deus como se fosse um discípulo, a quem diz o que ele pode ou não pode fazer. Ele se torna senhor do seu Senhor. O Senhor se torna servo do seu servo. O que sabe menos finge que saber mais do que o onisciente. Deus não poderia pensar em algo pecaminoso, embora todo pensamento seja dele originado. Muito estranho isso. Nietzsche observou que os sacerdotes, embora se apresentem como humildes, são tão arrogantes que só se dispõem a ter um deus como senhor. Eles mais se servem dele do que servem, no entanto.

Aquino diz que um ator no palco é um personagem porque ele é ator, que um cavalo pintado num quadro não é falso porque é pintura. Daí ele conclui que os contraditórios não são verdadeiros e que Deus é a unidade pela qual todas as coisas são unas.²⁸ A pergunta central é saber se algo pode ser verdadeiro e falso ao mesmo tempo, se em assertivas contraditórias uma é necessariamente falsa.

Há uma espécie de horror escolástico à contradição. Ela fez de Deus, no entanto, um ente contraditório. Ele é pai e ele é filho. Não só “ele” é pai e filho ao mesmo tempo, mas também é um terceiro, o santo espírito, como se fosse outra coisa e ao mesmo tempo o mesmo. Esse terceiro prioriza o trabalho intelectual sobre o corporal, o que ainda hoje prepondera. É uma forma da duplicação metafísica do mundo.

Deus é eterno e não é. Ele é todo poderoso, mas não pode nem pensar em pecado. Ele é onisciente, mas não sabe o que é isso. Ele é onipotente, mas nem sabe o poder que tem. Em suma, ele não é A = A e sim A = não-A.

Não por acaso Fichte perdeu o emprego na universidade de Jena, depois que postulou, em sua *Teoria do Conhecimento* de 1794 (*Wissenschaftslehre*),²⁹ que o eu constitui o não-eu, mas o não-eu também constitui o eu. São duas assertivas contrárias, mas ambas verdadeiras (na perspectiva do idealismo kantiano). A contradição aparece como princípio da verdade, e não apenas a não-contradição. Demorou séculos até se chegar a isso, ou seja, retomar o antigo princípio grego

26
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Alceste>

27
AQUINO, *ibidem*, p. 105-107.

28
ibidem, p. 118-119.

29
FICHTE, Johann Gottlieb. *Grundlage der gesamte Wissenschaftslehre* (Versão de 1794). Hamburg: Meiner Verlag, 1997.

30
DOSTOIÉVSKI, Feodor. *O duplo*, São Paulo, Editora 34, 2011, tradução de Paulo Bezerra.

de que a contradição reina em tudo, a disputa, a guerra (o *pólemos*). Querendo-se ou não, o conflito acaba aparecendo. O problema é saber como administrá-lo.

31
AQUINO, *ibidem*, p. 134 e 143.

O não-eu se torna parte do eu, o eu também é o seu não-eu. Assim a filosofia descobriu o inconsciente em torno de 1794. O não-eu é constitutivo do eu, não é apenas aquilo que fica fora dele, assim como se tem a presença do eu projetada no não-eu. Assim, Nietzsche dizia que quando ia dormir acordava o seu inconsciente. Perguntava também quais as razões que levavam alguém a pensar algo, não as aparentes, declaradas, conscientes, e sim as efetivas, inconscientes. Já em 1846, Dostoiévski em *O duplo*³⁰ havia feito um estudo sobre a duplicação do eu, com a criação de um gêmeo externo. Com isso se negava a plena unidade do eu, mostrando-o como um complexo de forças contraditórias. Esse inconsciente já está presente em Shakespeare, por exemplo, em *Lady Macbeth*, que primeiro quer a morte do rei Duncan para que o marido possa ascender ao trono, mas depois enlouquece roída por remorsos.

32
Ibidem, p. 155.

Havendo tendências contraditórias no homem, Freud propôs um esquema geral de forças instintivas do id e forças repressivas do superego, conflito que precisa ser mediado e gerenciado pelo ego. *Wo es war, soll ich werden*, onde era id deverá haver ego, é um lema da psicanálise freudiana, que espera tornar a pessoa mais livre com a conscientização dos traumas reprimidos. Há como que a pretensão de se alçar a um nível mais elevado, o “espiritual”, no qual o analista já se vê colocado, como se fosse um anjo, um guardião.

33
Ibidem, p. 167.

Aquino dizia que a inteligência dos anjos supera a dos homens e a verdade da fé cristã ultrapassa a capacidade da razão do homem.³¹ A fé acha que é verdade aquilo em que ela acredita, aliás, ela nem acredita que acredita, pois tem certeza: começar a duvidar seria perder a fé. Nada é, porém, verdadeiro porque se acredita: é um desejo, uma vontade de poder, uma projeção subjetiva.

34
Ibidem, p. 170.

Há, no entanto, tantos absurdos, tantas incoerências na fé, que é preciso impor que isso está acima da razão humana, quando de fato está abaixo. O que se quer impedir é que se manifeste o argumento racional e que se avance na pesquisa das reais causas que levam a crer em absurdos. Por exemplo, Aquino usa a expressão “o filho do Pai Eterno” para se referir a Cristo (poderia ser Adão também), mas ter um filho obriga a abdicar da eternidade, então não ter filho facilita reivindicar a eternidade para si.

Aquino afirma: “O Deus que põe em movimento todas as coisas é imóvel; se fosse movido, só poderia ser por si; a causa primeira motora é necessariamente simples”.³² Como pode ser

imóvel o que põe tudo em movimento? Mesmo a combustão do automóvel mobiliza ignição, gesto humano, gasolina. É complicado. Não há uma causa primeira, ela não seria simples. É uma “explicação” simplória, apressada, feita de contrassensos. A primeira, para se definir como primeira, precisa de outra que venha depois; portanto, ela vem depois da segunda.

Aquino retoma aqui uma passagem de Aristóteles, na *Física*, em que este se pergunta sobre a origem do movimento: ou se admite que há uma dinâmica nas coisas, que faz com que se movam, ou então seria preciso admitir, hipoteticamente, que deveria haver um primeiro motor, que teria iniciado todos os movimentos. O grego admite que há dinâmica nas coisas. É a explicação mais simples. O jogo entre impulsos e resistências leva a uma resultante que é a mudança de distanciamento entre as coisas. O que no grego era uma hipótese descartável – o *primum movens* – tornou-se no cristão um dogma absoluto.

Aquino supõe que a criança seja imperfeita e o adulto seria perfeito. Ora, a criança não é um adulto imperfeito: ela é apenas criança. Aquino afirma: “Em Deus tudo é perfeito, não há acidente. Sua essência não é gênero nem espécie”.³³ Quando se considera Deus como um ser perfeito, falta considerar que um ser perfeito não consegue fazer nada, pois ou ele perfeito antes de agir, e deixou de ser ao agir, ou ele pretende ser perfeito depois, e então era imperfeito antes. O perfeito está “perfazido”, está todo feito, é um passado imutável perenizado. Ele muda, porém, em função de novos presentes, que irão interpretá-lo de outros modos. O Deus cristão é uma espécie do gênero das divindades. Há muitos tipos de deuses, ele é apenas mais uma espécie.

Para Aquino, Deus é puro ato sem mescla de potencialidade. A matéria é um ser em potência, Deus não tem matéria, é a primeira causa motora.³⁴ Como pode haver um motor que não tenha matéria? É um contrassenso. Em Deus, se ele houvesse, deveria haver o universo em potencial, pois ele poderia criá-lo ou não, conforme lhe desse na veneta. Portanto, ele seria potencialidade e, no estado de não fazer nada, ele não poderia ser ato, pois este supõe agir, fazer algo. Potência que não tenha ato não é potência. Um puro espírito, que não tivesse matéria em si ou diante de si, não poderia saber do que ele seria constituído, pois não teria o oposto de si para lhe dar sua determinação.

A esse espírito se determina que ele tenha vontade, que essa seja sua inteligência. Ora, vontade é algo humano, depende de resistências a serem vencidas, algo que não existe para um ente todo poderoso. A falta de inteligência aí é não perceber que esse deus é a projeção da vontade de quem

nele crê e, assim, pode esconder nele a vontade que tem em si, de que tudo seja conforme imagina que seja. Deus é uma imaginação alienada, que perdeu noção de sua origem, passando a ser dominada por aquilo que havia criado.

Projetava-se em Deus o desejo de criar uma Igreja poderosa, em que o papa seria o rei de todos os reis. Quando a Igreja Anglicana se separou da católica, vários ingleses morreram porque queriam ser mais fiéis ao papa do que ao rei. O que para eles era uma questão moral, que lhes custou a vida, não passava de um duplo engano. Não havia a opção entre dois deuses reais. As tragédias, quando revistas, se tornam farsas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aquino acha que Deus é a sua própria inteligência, é o objeto direto e principal de sua inteligência e necessariamente dotado de vontade.³⁵ Ele acha isso, sem nunca ter visto esse objeto de sua admiração. Está fantasiando e não sabe que está. Faz ficção e não sabe que faz. Projeta dimensões humanas, como vontade e inteligência, num ente que não as poderia ter. O homem não foi criado à imagem e semelhança de Deus, pois seus predicados são antitéticos, em termos de poder, sapiência, presença e perenidade, mas Deus é uma criação do homem projetando certos traços para o infinito. Se Deus deve ser seu próprio objeto direto, ele precisaria ser sujeito e predicação ao mesmo tempo. Seu objeto direto! Mais uma contradição. Para Aquino:

Livre é o que não está obrigado ou coagido quanto a algo. [...] A capacidade de compreender coloca o homem acima de outros animais. [...] A inteligência conhece as coisas de modo imaterial, a imagem dos objetos não se encontra materialmente na inteligência. [...] No olho aparece a imagem da pedra, mas não a sua matéria. [...] A inteligência está totalmente acima da matéria. [...] O intelecto não dispõe de órgão corporal.³⁶

Há materialidade e energia na percepção e no funcionamento neuronal. Não aparece no olho a pedra como pedra, mas sua percepção não é apenas espiritual. Ser livre não é não sofrer coações ou obrigações, mas ser capaz de se sobrepor a elas, ultrapassá-las. Pela argumentação do santo, fica difícil compreender o homem como tendo capacidade de compreensão acima dos animais. Ele é dominado por suas credices. Parece razoável supor que quando se enxerga uma pedra não seja a pedra que esteja dentro do olho, e sim uma imagem da pedra. Daí concluir, porém,

que essa imagem não tenha nada materialidade é um paralogismo.

O problema é que o santo homem queria separar totalmente espírito e matéria, ele não admitia que o cérebro possa ser o órgão corporal do pensamento. Para que Deus seja puro espírito e fique acima de tudo, ele postula que a inteligência está acima da matéria. Ele não admitiria a neurologia contemporânea. É um pensador ultrapassado, por estar preso às suas premissas teológicas. O que ele pensa é, porém, ainda hoje o modo dominante de pensar numa sociedade atrasada como a brasileira (entre tantas outras), a ponto de esse suposto pensamento ter tomado o poder.

A estética é a chave da teologia, da cosmologia e da psicologia metafísica. Ela surge da valorização – por Leibniz, Wolff, Baumgarten – das imagens ditas corporais da mente, portanto, do corpo. Há, no entanto, uma desconfiança básica na época. Imaginar é marcado pela *facultas fingendi*, a faculdade de fingir como presente algo que não está aí. Fingir é, porém, algo negativo: falsear, falsificar. A estética foi vista então como um *analogon rationis*, um análogo da razão, não como algo que tivesse uma razão própria ou fosse, como viram Gérard e Kant, o próprio meio de desenvolver os pensamentos, comparar imagens e formular conceitos. O modelo ainda é uma razão analítica, apenas consciente.

Em Baumgarten aparece mais a contradição entre lógica e estética. Oriundo do meio luterano, ele reafirma a tradição teológica de que a verdade abstrata é eterna, imutável; por outro lado afirma que a *falsitas aestheticologica* depende do *pius*, *honestum*, *decorum*, ou seja do pio, do honesto, do decoroso. Ora o que um romano “pagão” achava piedoso, não era o que um cristão acharia. Cícero insistiu que era preciso respeitar os deuses, os deuses romanos, não as divindades cristãs. Baumgarten, na *Estética* de 1745, afirma que a alma (*anima*) é *motus cerebri*, dinâmica do cérebro, o que dispensaria o princípio espiritual, mas depois afirma que o cérebro mimetiza os movimentos da alma. O mimético se torna a fonte de todo o conhecimento.

Se o que é falso em termos estéticos depende do que for considerado correto num meio e momento, então a verdade estética também teria de depender. Se depender, ela não iria valer por si, mas pelo que ditasse as circunstâncias da época e do lugar. Se o que é falso varia conforme o que seja considerado piedoso, decoroso e honesto, também a verdade deveria se coadunar. Então se consideraria verdadeiro o que preponderasse como opinião num determinado meio e momento.

35
Ibidem, p. 172.

36
Ibidem, p. 176, 177, 178,
180, 182, 195.

A isso é que leva o deslocamento da verdade da coisa para o que se diz sobre a coisa. Assim se perde a verdade, ela é reduzida a algo subjetivo. Está certo quem berra mais alto. Passa-se a acreditar no que se diz sobre algo, em vez de verificar o que de fato aconteceu, como a coisa é. O Direito funciona assim, na medida em que se julga de acordo com os autos do processo, pressupondo-se que cada parte tenha podido dizer sua visão dos fatos. Só vale o que é dito no processo, a realidade evapora, ela pouco importa. Então se condena alguém à prisão ou a pagar porque é conveniente ao poder que ele seja afastado ou que pague.

Surge aí uma possibilidade escondida no artístico: embora seja usado comumente para dar mais poder ao poder, para estetizar o poderio de quem já tem o poder, ele também pode ser o espaço em que se sugira algo que não possa ser dito de outro modo. A obra não diz, ela apenas sugere. Precisa

ser lida nas entrelinhas. Ela se manifesta para que exista o seu conteúdo latente, aquilo que não pode ser dito com clareza, o que os poderes vigentes não querem que se diga. Ela seria, então, um resgate da função aprisionadora da imaginação alienada.

Todos os esforços serão feitos depois, pela exegese canonizante, para que não apareça essa mensagem secreta, para que não seja lembrado o que na obra havia. A obra se obra nessa luta tensa para dizer o que não deveria ser dito. Nessa medida, a arte surge como redenção da imaginação alienada que costuma vigorar. Ela é um estranhamento que permite recobrar o olhar. Ela só se justifica à medida que disser o que não pode ser dito melhor de outro modo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Santo Tomás. *Seleção de Textos - Questões discutidas sobre a verdade*. (Tradução de Luiz João Baraúna). São Paulo: Coleção Os Pensadores. Editora Nova Cultural, 2004.

ARISTOTELES. *Philosophische Schriften*, Hamburg, Meiner Verlag, 1995, volume 6.

BAUMGARTEN, Alexander. *Aesthetik*, Teil 1 und 2, Hamburg, Meiner Verlag, 2007.

DOSTOIÉVSKI, Fiodor. *O duplo*, São Paulo, Editora 34, 2011, tradução de Paulo Bezerra.

EURÍPIDES. *As fenícias*, Porto Alegre, L&PM, 2005, tradução de Donaldo Schüler.

FICHTE, Johann Gottlieb. *Grundlage der gesamten Wissenschaftslehre* (Original em 1794). Hamburg: Meiner Verlag, 1997.

GIOVENARDI, Eugênio. *As pedras do Vaticano*. Porto Alegre: Mais Que Nada, 2009.

KANT, Immanuel. *Kritik der reinen Vernunft*, Leipzig, Reclam Verlag, no centenário da primeira edição, s.d.

KOTHE, Flávio R. *Arte comparada*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2016.

KIERKEGAARD, Soren. *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, Rio, Editora Vozes, 1991, tradução de Álvaro Vaals.

PLATÃO. *A República*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, tradução de Maria Helena Pereira, diversas edições.

PLATÃO. *Banquete*, Porto Alegre, Globo, tradução de Jorge Paleikat, diversas edições.

PLATÃO. *Hípias Maior*, 3ª edição, Lisboa, Edições 70, 2000, tradução de Maria Teresa Schiappa de Azevedo.

SÓFOCLES. *A trilogia tebana*, Rio, Jorge Zahar Editor, 1981, 11ª edição, tradução de Mário da Gama Kury.